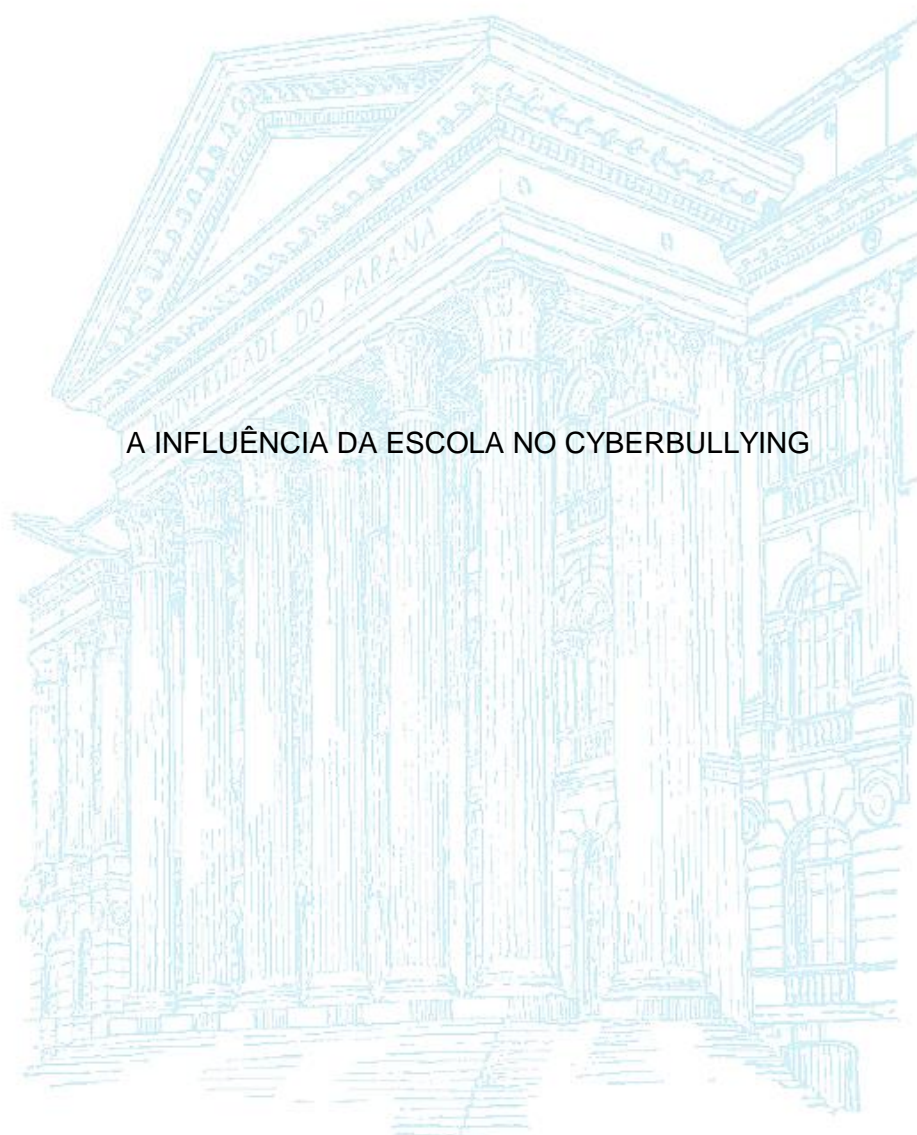


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

TALITA PIMENTA DE SOUZA NERI



A INFLUÊNCIA DA ESCOLA NO CYBERBULLYING

SÃO PAULO
2016

TALITA PIMENTA DE SOUZA NERI

A INFLUÊNCIA DA ESCOLA NO CYBERBULLYING

Trabalho de Conclusão do Curso de Pós- Graduação em nível de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola.

Orientadora: Prof^a. Ms. Luize Bueno de Araujo

Co-orientador: Prof. Ms. Clóvis Wanzinack

SÃO PAULO
2016

A INFLUÊNCIA DA ESCOLA NO *CYBERBULLYING*

Talita Pimenta de Souza¹; Luize Bueno de Araujo²; Clóvis Wanzinack³

¹Especialista em Yoga, UNICSUL,
Prof Ens Fund II e Médio, Prefeitura de São Paulo,
Especialização em Gênero e Diversidade (em andamento), UFPR. ¹E-mail:
talitapimenta@hotmail.com

²Mestrado em Comportamento Motor, UFPR, E-mail: luizebueno@hotmail.com

³Mestrado em Desenvolvimento Regional, UFPR, E-mail: cloviswa@gmail.com

RESUMO: Devido à facilidade de se conectar a internet hoje em dia, a qualquer hora e lugar, os casos de *cyberbullying* vêm aumentando, algo que é preocupante, pois pode trazer consequências graves para as vítimas. Uma atuação na escola pode ajudar na prevenção, levando em conta a formação de alunos/as cidadãos críticos e com valores morais. O objetivo desse estudo foi Identificar o conhecimento prévio de alunos do Ensino Fundamental de uma Escola Municipal de São Paulo, em relação ao *cyberbullying*, propondo ações que visaram diminuir os casos na escola, utilizando-a como principal ferramenta na prevenção, sensibilizando os/as alunos/as sobre o que é o *cyberbullying* e suas consequências civis e criminais. A amostra foi composta por 70 alunos/as, entre 13 e 17 anos. A metodologia consistiu em: Avaliação Pré-intervenção, Intervenção e Avaliação Pós-intervenção. O instrumento de avaliação foi um questionário formulado pela autora. Pode-se concluir que a escola não deve ser a única responsável pela abordagem do tema, mas deve atuar como protagonista no combate ao *cyberbullying* tanto quanto outras formas de discriminação, pois os/as alunos/as não sabem da sua gravidade e tratam esses assuntos como brincadeira.

Palavras-chave: *cyberbullying*; educação; internet; redes sociais; violência

ABSTRACT: Due to the ease of connecting to the internet nowadays at any time and place, cases of *cyberbullying* have increased something that is worrying because it can have serious consequences for the victims. A performance at school can help in prevention, taking into account the training of students critical citizens with moral values. The aim of this study was to identify prior knowledge of elementary school students of a municipal school of São Paulo, in relation to *cyberbullying*, proposing actions that could help reduce cases at school, using it as a primary tool in the prevention, sensitizing students of what *cyberbullying* and its civil and criminal consequences. The sample consisted of 70 students / as, between 13 and 17 years. The methodology consisted of: Pre-intervention assessment, intervention and post-intervention assessment. The assessment instrument was a questionnaire formulated by the author. It can be concluded that the school should not be solely responsible for awareness, but should act as a protagonist in the fight against *cyberbullying* as well as other social problems because the students do not know their severity and treat these matters as a joke.

Keywords: *cyberbullying*; education; Internet; social networks; violence

INTRODUÇÃO

O termo *cyberbullying* define-se como “intimidação, assédio ou ameaças repetidas conduzidas por meio de qualquer via de tecnologia da comunicação” (CARPENTER; FERGUSON, 2011).

Teixeira (2013, p.49) considera o *cyberbullying* como uma “versão multimídia da violência escolar, que cresce a cada dia, como uma epidemia, acompanhando o interesse de crianças e adolescentes pelo mundo virtual”. O que pode torna-lo uma das formas potencialmente mais perigosas e traiçoeiras de violência na escola.

Além disso, o *cyberbullying* pode envolver uma ampla disseminação de calúnias, injúrias ou informações degradantes à exposição pública por meio das tecnologias digitais implicando em uma grande dificuldade de tirá-las de circulação, sendo assim, mesmo que a vítima se transfira de escola ou de cidade, pode não se livrar das agressões que já ficaram registradas e permanecem disponíveis a todo um universo *online* (MAIDEL, 2009).

Não tem como discorrer sobre o *cyberbullying* sem considerar a facilidade que hoje os jovens, crianças e adultos, têm de se conectar na internet, a qualquer hora e lugar. “A evolução e as mudanças que se têm verificado ao nível das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) têm tido impacto significativo no cotidiano, particularmente na vida dos jovens” (PESSOA; AMADO, 2014). Por mais que este acesso às tecnologias possam trazer vantagens no cenário educativo, infelizmente há grandes riscos envolvidos.

Pessoa e Amado (2014), retratam que o *cyberbullying* apresenta dinâmicas sociais próprias, expressões comportamentais, ferramentas específicas, e a relação de poder é baseada na existência de competências no domínio das tecnologias. Com o avanço das TIC's, seu domínio e criatividade são cada vez maiores por parte dos agressores, o que gera grandes consequências na vida das vítimas, principalmente emocionais (PESSOA; AMADO, 2014).

Segundo Teixeira (2013,), existem vários tipos de *cyberbullying*, entre eles: *Bullying* direto por meio de salas de bate-papo, *e-mails*, celulares,

recados no *Facebook*; Criação de *websites*; Impersonalização (quando uma pessoa finge ser outra no mundo virtual); Fórum de discussões e Postagem de vídeos e fotos.

Diante das implicações e alcance dessa modalidade de violência, se faz primordial uma ação sistemática e prolongada de toda a sociedade, pois o melhor meio de evitar comportamentos como o *cyberbullying* é estimular a sensibilização e o respeito incondicional às diferenças (MAIDEL, 2009). Uma atuação no ambiente escolar pode melhorar o quadro atual, gerando uma forma de prevenção, levando-se em conta a formação de alunos/as cidadãos críticos e com valores morais.

O objetivo deste trabalho foi identificar o conhecimento prévio de 70 alunos do 9º ano do Ensino Fundamental de uma Escola Municipal de São Paulo, em relação ao *cyberbullying*, propondo intervenções que visaram diminuir os casos na escola, utilizando-a como principal ferramenta na prevenção, sensibilizando os/as alunos/as sobre o que é o *cyberbullying* e suas consequências civis e criminais.

METODOLOGIA

Essa pesquisa teve caráter qualitativo, e se caracterizou como uma Pesquisa- Ação, definida por FRANCO (2005, p.489).

“Pesquisa eminentemente pedagógica, dentro da perspectiva de ser o exercício pedagógico, configurado como uma ação que cientificiza a prática educativa, a partir de princípios éticos que visualizam a contínua formação e emancipação de todos os sujeitos da prática”.

A amostra deste estudo foi composta por 70 alunos, sendo 37 do gênero masculino e 33 do gênero feminino, entre 13 e 17 anos, divididos em três salas do 9º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental, localizada na Vila Santa Isabel, em São Paulo. A metodologia consistiu em: Avaliação Pré-intervenção, Intervenção e Avaliação Pós-intervenção. O instrumento de avaliação foi um questionário formulado pela autora, baseado na literatura.

O questionário Pré-Intervenção (ANEXO I) foi composto por 10 perguntas objetivas e descritivas referentes ao conhecimento prévio dos alunos/as em relação ao tema. Este questionário foi criado mediante estudos bibliográficos na literatura e aplicado de maneira individual com cada aluno/a,

para não gerar timidez e alteração nas respostas por influências dos colegas. Após a aplicação desse questionário (PRÉ) iniciou a fase da intervenção.

A Intervenção foi composta por três etapas:

Apresentação do Filme “*Cyberbully*”, direção: Charles Binamé, Roteiro: Teena Booth. Estados Unidos: ABC Family Original Movie, 87min, 2011; Roda de conversa sobre o filme, realizada individualmente em cada uma das três salas participantes. Por fim aula expositiva dialogada sobre o tema, apresentada pela professora de Informática também sala a sala, abordando os temas: 1.definição e prevenção de *cyberbullying*, 2.como e onde acontecem, 3.consequências para a vítima e agressor e 4.casos reais de vítimas que chegaram ao extremo.

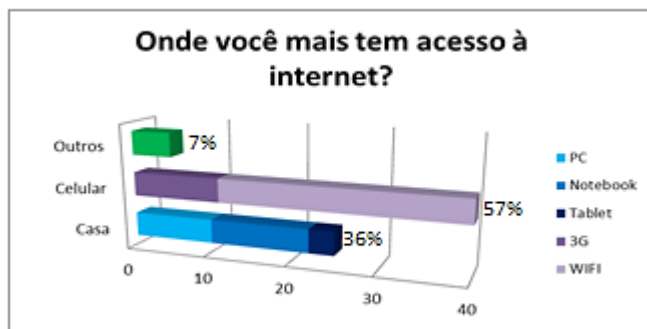
Após a intervenção, foi aplicado o Questionário Pós-Intervenção (ANEXO II) individualmente nos mesmos padrões do questionário (PRÉ), para constatar se a intervenção sensibilizou os/as alunos/as quanto ao tema e se praticavam o *cyberbullying* e não sabiam. Neste questionário (Pós) foram retiradas apenas as questões de cunho pessoal que não sofreriam alteração com a intervenção e acrescentadas questões referentes a opinião dos alunos sobre a intervenção.

RESULTADOS

Após análise do questionário Pré-Intervenção pode-se observar que a maioria dos/as alunos/as utiliza a internet no celular ou em casa, através do *Wi fi* com aparelhos celulares ou *notebook* (Fig. 01).

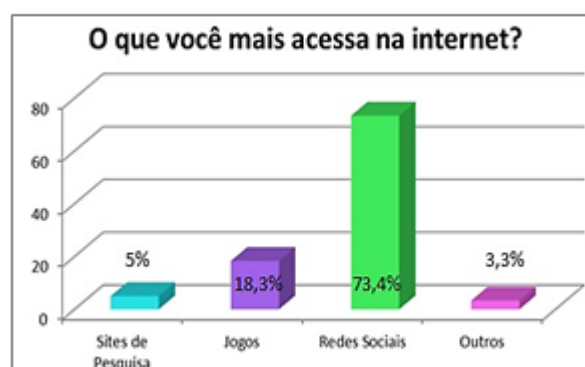
Observa-se que 73,4% (n=51) dos entrevistados têm como principal interesse na internet o acesso às redes sociais, sendo a 2ª opção mais acessada os jogos, depois os sites de pesquisa e outros, como sites para assistir séries e

Figura 01: Onde e como é o acesso à internet



Fonte: Autores, 2015.

Figura 02: Conteúdo mais acessado



Fonte: Autores, 2015.

filmes, sites de skate e pornografia (Fig. 02).

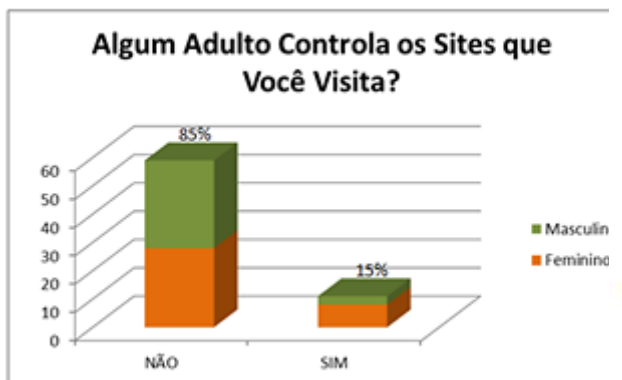
Com relação à supervisão dos pais no acesso à internet a maioria, 85% (n=60) dos entrevistados, responderam que não tem nenhum tipo de supervisão, e apenas 15% (n=10) tem supervisão de adultos, sendo que destes a maioria é do gênero feminino (Fig. 03). Esse acompanhamento normalmente é feito pelas mães dos/as alunos/as, por meio de acessos ao histórico do computador, pela senha da conta ou simplesmente por meio do diálogo, solicitando para ver no que o (a) filho (a) está acessando.

Em termos de conhecimento sobre o *cyberbullying*, 55% (n=39) não sabem o que significa e 45% (n=31) afirmam saber (Fig. 04). Dos que sabiam o significado, as respostas mais encontradas foram “*Bullying pela internet*”; “*Ficar xingando as pessoas pela internet*”; “*Denegrir a imagem de uma pessoa pela internet*” e “*Hackear a senha do facebook e zuar*”.

Na análise dos questionários após a intervenção, todos os/as alunos/as (n=70) souberam responder qual o significado do termo *cyberbullying*.

Dos entrevistados que sabiam o que era *cyberbullying* no questionário Pré, 92% (n=29) afirmaram nunca ter sido vítima e apenas 7% (n=2) assumiram que já aconteceu com eles

Figura 03: Supervisão de algum adulto



Fonte: Autores, 2015.

Figura 04: Conhecimento sobre *cyberbullying*



Fonte: Autores, 2015.

(Fig. 05). Os relatos foram de xingamentos e comentários preconceituosos nas redes

sociais *ask*, *facebook* e *whatsapp*. Após todos conhecerem sobre o *cyberbullying*, nota-se um aumento no número de alunos/as que já foram vítimas para 11% (Fig.06).

Figura 05: Vítimas de *cyberbullying* Pré

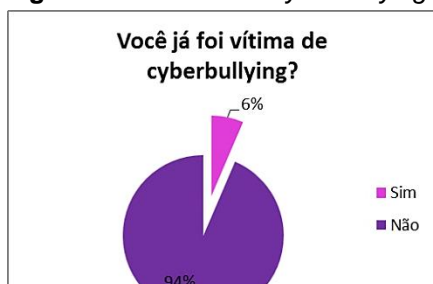


Figura 06: Vítimas de *cyberbullying* Pós

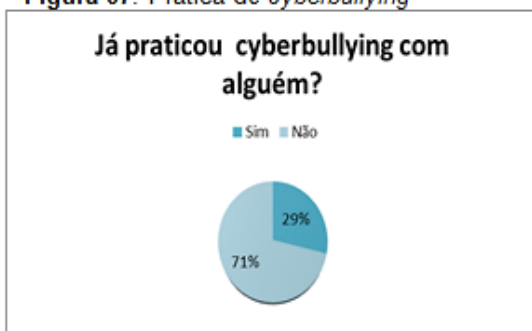


Fonte: Autores, 2015.

Fonte: Autores, 2015.

Quando perguntado no questionário Pré se já tinham praticado *cyberbullying*, 71% (n=22) afirmaram nunca ter praticado e 29% (n=9) assumiram a prática contra alguém (Fig. 07) Alguns relatos deles:

Figura 07: Prática de *cyberbullying*



Fonte: Autores, 2015.

Entrevistado n 14. “*Eu xingo as pessoas que não gosto*”

Entrevistado 21. “*Xingo meu colega, mas só por brincadeira*”

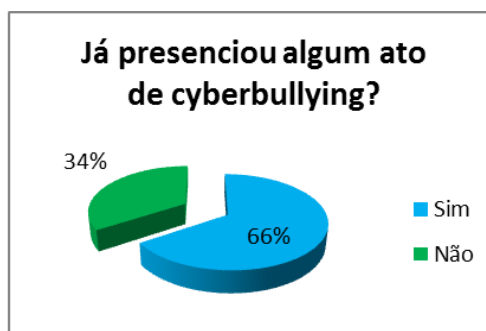
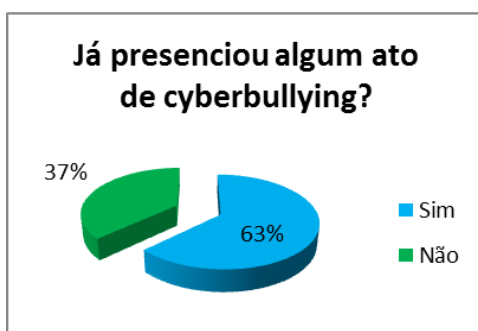
Verificou-se que todos que afirmaram ter praticado *cyberbullying*, são do gênero masculino e nenhum possui supervisão de adulto em seu acesso a internet. E o resultado não

sofreu alteração no questionário pós - intervenção.

Já na pergunta 8, que diz respeito a ter presenciado algum ato de *cyberbullying*, a maioria (63%) já presenciou e 37% (n=26) nunca presenciaram (Fig. 08). Dentre os relatos, apresentam casos de xingamentos em redes sociais e em sites de jogos *online*, apresentando preconceito na maioria deles, montagem de fotos ou fotos constrangedoras que foram postadas “*meninos postando fotos e xingando uma deficiente mental*”; “*pessoas postando imagens preconceituosas destinadas a pessoas negras*”; “*amigos ficam xingando o nosso amigo que é anão*”. Após a intervenção, houve um pequeno aumento de 3% no número de pessoas que já presenciaram algum ato de *cyberbullying* (Fig. 09).

Figura 9: Presenciaram *cyberbullying* Pré

Figura 9: Presenciaram *cyberbullying* Pós

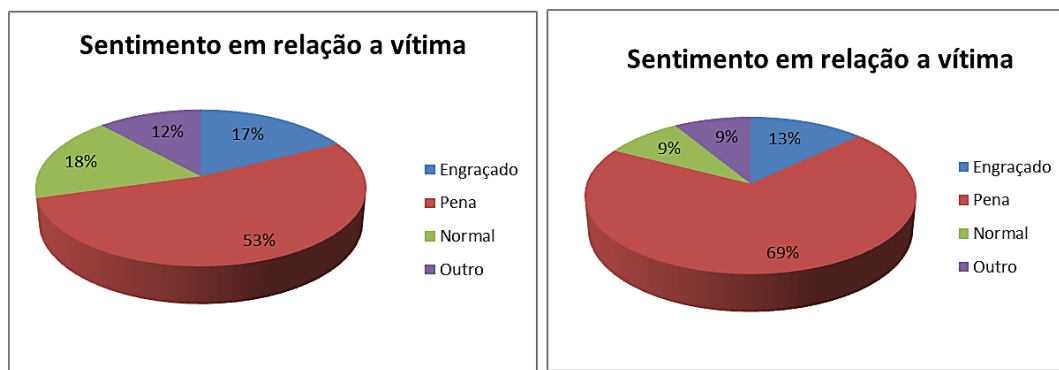


Fonte: Autores, 2015.

Fonte: Autores, 2015.

Dos entrevistados que presenciaram algum ato de *cyberbullying* no questionário Pré (n=21), 53% (n=37) sentiram pena da vítima, 18% (n=13) afirmam achar engraçado e exatamente o mesmo número de pessoas acha normal. Os outros descreveram achar “*idiota*” e “*desnecessário*” (Fig. 10). Já no questionário Pós, percebemos uma alteração em todos os itens, destacando-se o aumento dos participantes que sentem pena da vítima e diminuindo um pouco, para 13% os que afirmaram achar engraçado (Fig. 11).

Figura 10: Sentimento em relação à vítima Pré **Figura 11:** Sentimento em relação a vítima Pós



Fonte: Autores, 2015.

Fonte: Autores, 2015.

Quando questionados com pergunta descritiva sobre o que poderia ser feito para evitar o *cyberbullying*, no questionário Pré, após os dados subjetivos provenientes das questões abertas serem transcritos e tabulados, destacaram-se cinco categorias: Supervisão da família, Sistema de Segurança na Internet, Conscientização e respeito, Nada e Não sei (Tabela 01). A maioria (37%) dos entrevistados respondeu com relação aos sistemas de segurança, para que fossem bloqueados e excluídos dos *sites* e que as pessoas denunciassem.

Depois da intervenção, a porcentagem dos entrevistados que julgam a supervisão familiar como a melhor maneira para evitar o *cyberbullying*, diminuiu praticamente pela metade, e em contrapartida houve um aumento do sistema de segurança, tornando-se o item considerado mais eficiente para evitar o *cyberbullying* (Tabela 01).

Tabela 01: Principais categorias e exemplos de narrativas dos participantes da pesquisa Pré e Pós

Fonte: Autores, 2015

categorias	Quantidade Pré	Quantidade Pós	Exemplos de relatos
Supervisão da família	22% (n=16)	11,4% (n=8)	Entrevistado 07. "Os pais controlarem mais o que os filhos fazem" Entrevistado 45. "A família tem que dar educação"
Sistema de Segurança na internet	37% (n=26)	45,7% (n=32)	Entrevistado 08. "Os sites terem sistemas de segurança para bloquear quem xinga" Entrevistado 54. "quem ofender alguém ser banido das redes sociais"
Conscientização e respeito	15% (n=10)	20% (n=14)	Entrevistado 05. "As pessoas deveriam ter mais consciência de que ninguém é igual e respeitar" Entrevistado 12. "Conscientizar o pessoal que todo mundo tem defeito e que isso é crime"
Nada	15% (n=10)	-	Entrevistado 02. "Nada, porque não vai adiantar"
Não sei	11% (n=8)	22,9% (n=16)	

No questionário Pós, foi perguntado se a presença do tema *cyberbullying* na escola tinha sido interessante, 94% (n=66) dos/as alunos/as responderam que sim (Fig. 12). Exemplos de algumas justificativas dos entrevistados:

Figura 12: Interesse no tema colocar



Figura 13: Interesse no tema



Entrevistado n 08. "Pude saber mais sobre o *cyberbullying*, vou saber quando fizerem comigo"

Entrevistado 64. "Porque muita gente não sabia o que era"

Quase todos os entrevistados (94%), quando foram questionados sobre a abordagem desse tema na escola, responderam que esse conteúdo nas aulas pode ajudar a evitar que ocorram casos de *cyberbullying* (Fig. 13). Exemplos

Fonte: Autores, 2015

de algumas justificativas dos entrevistados:

Entrevistado n 17. “*Pode ser que as pessoas não façam porque sabem que vai machucar os outros*”

Entrevistado 33. “*As pessoas vão ver que é errado e talvez não pratique*”

Na última questão do questionário Pós Intervenção, foi perguntado qual era o grau de importância que davam para o tema antes e depois da intervenção. Na figura 14, podemos perceber que a maioria dos entrevistados 28% (n=20) achavam o cyberbullying algo sem importância ou pouco importante 40% (n=28), principalmente pelo fato de muitos nem saberem o que significava. Após conhecerem mais sobre o tema, suas consequências e relatos de casos reais de *cyberbullying* que levaram ao suicídio, a maioria (57%) dos entrevistados constatou que o *cyberbullying* é algo de muita importância, sendo que nenhum afirmou ser tema sem importância (Fig. 15).

Figura 14: Importância do tema antes



Figura 15: Importância do tema depois



Fonte: Autores, 2015

DISCUSSÃO

O *cyberbullying* têm colocado em xeque o conceito e função do contexto educativo, enquanto espaço propiciador de aprendizagem, como também de construção de vínculos e afetos, ambos marcados por um processo de relação

entre pessoas. É preciso se aprofundar em uma visão sistêmica e multifacetada dos fatores e das formas de intervenção frente ao problema, onde todos se sintam investidos de uma responsabilidade ética para intervir e apoiar os que precisam (Freire *et al.*, 2006).

Tognetta e Bozza (2010) verificaram em sua pesquisa que o acesso muitas vezes ilimitado e sem controle à *internet* facilita para aqueles que apresentam intenções maliciosas de ameaças ou insultos. Essa utilização com livre acesso dificulta o controle do tempo de utilização e do conteúdo acessado, o que corrobora com os achados desta pesquisa, uma vez que a maioria dos/as alunos/as utiliza redes móveis para ter acesso à *internet*, o que parece ter relação com a incidência dos entrevistados/as que já praticaram *cyberbullying*, pois 80% dos agressores afirmam utilizar celulares para utilizar a *internet*.

Pode-se observar que a supervisão de adultos é algo que quase não ocorre, pois apenas 15% dos entrevistados tem algum acompanhamento, o que vai ao encontro dos estudos de Gomes e Valente (2008), no qual comprovam que 63% dos/as alunos/as acessam a *internet* sempre ou quase sempre na ausência de algum adulto, já Conti e Rossini (2010) afirmam que aproximadamente 40% das crianças e jovens entre 10 e 18 anos costumam navegar na internet por mais de duas horas por dia, sendo que quase metade desse grupo não tem acompanhamento dos pais.

No presente estudo, os que recebem algum tipo de supervisão de adultos ao navegar na *internet*, a maioria é do gênero feminino. Ainda parece ocorrer um comportamento machista, no qual é considerado que as meninas são mais frágeis e merecem mais atenção, o que desconsidera que meninos também precisam de cuidado, de supervisão, de controle para terem uma boa educação e aprenderem valores morais para atuarem na sociedade. Isso já reflete nos dados apresentados, pois verificou-se que todos que já praticaram *cyberbullying* são do gênero masculino e nenhum possui supervisão de adulto em seu acesso a internet. O que vai ao encontro com os estudos de Mason (2008), Avilés (2009) e Tognetta e Bozza (2010), que comprovam que o gênero masculino geralmente é mais envolvido, tanto como agressor, quanto vítima.

Em termos de conteúdos acessados, 73,4% dos entrevistados apresenta como principal interesse as redes sociais. Como afirma Lima (2011), o grande

problema do aumento de acessos às redes sociais, principalmente no Brasil, é que surge um novo campo de atuação para crimes, demonstrando um aumento nos índices de crimes virtuais. No *Facebook*, uma das redes sociais mais utilizadas pelos jovens, Rodeghiero (2012) comprova que a violência se tornou comum, principalmente em comentários e compartilhamentos. Essa violência parece não chamar atenção e algumas vezes nem é perceptível para as testemunhas de suas vítimas, onde não expressam sentimento de injustiça, pelo contrário muitas vezes os agressores acabam ganhando inclusive mais popularidade.

Segundo Pradas (2006) a *internet* desperta em alguns jovens o sentimento de que não há regras e nem moralidade que regule a vida na rede, de maneira que pode ser usada para o bem ou para o mal. Além disso, Wanzinack e Reis (2015) afirma que alguns agressores virtuais não tem ideia das consequências que suas ações podem causar na vida das pessoas, até pelo fato de não terem uma resposta imediata, o que contribui para o desenvolvimento de uma frieza em suas ações virtuais. Outro grande problema que Mason (2008) aponta é que 8 em cada 10 adolescentes usam a internet em casa, podendo agredir sua vítima quando não está na escola, o que comprova que os agressores não precisam de um local físico para molestar a vítima. O que vai ao encontro com os resultados obtidos nas entrevistas deste estudo, no qual o número de agressores é de 29%, ou seja, maior do que as vítimas, que foram apenas 11%.

Os dados do questionário em relação às vitimas de *cyberbullying*, aumentou de 7% para 11%, um número baixo, se comparado com a quantidade de agressores, mas essa alteração pode ter sido pelo fato de muitos alunos que sofriam *cyberbullying* não sabiam o que estava acontecendo e que tinham como buscar ajuda ou denunciar. O que pode ter relação com a dificuldade das próprias vitimas em assumirem que sofreram algum tipo de insulto, ou até mesmo pelas consequências causadas pelas agressões, como: baixa autoestima, sentimento de insegurança, sentimento de medo e algumas vezes, a vítima se sente culpada e acha que fez algo para merecer tais agressões (DORNELLES, SAYAGO e RIBEIRO, 2012; WANZINACK, 2014).

Na pesquisa de Farias (2014), do total de alunos que sofreram *cyberbullying*, 37% sentiram vergonha e 25% se sentiram tristes. Esses entre

outros sentimentos é que podem levar ao isolamento, a não pedirem ajuda ou não contar para ninguém por não confiar nas escolas ou nos adultos que deveriam ser responsáveis pela sua segurança.

Além disso, Carpenter e Ferguson (2011, p.198) afirmam:

“Nem sempre é fácil fazer com que uma criança ou adolescente desabafe sobre maus-tratos que possa estar sofrendo. A maioria acha que pode resolver o problema sozinho, seja por vergonha de admitir o problema ou por medo da reação dos pais.” (2011, p.198).

Dos entrevistados que já presenciaram algum ato de *cyberbullying* (66%), todos relataram alguma forma de agressão por meio do *Facebook*, alguns casos até começaram pelo *WhatsApp*, mas o *Facebook* parecem ter ganho maior popularidade, como nos casos em que foram espalhados fotos sensuais, ou como eles chamam: “*Nudes*”. Os relatos de casos de *cyberbullying* presenciados, apresentados na pesquisa vão de acordo com o que diz Wanzinack e Reis (2015, p.08):

“Percebe-se nesse quesito uma maior frequência de apelidos e xingamentos relativos ao peso, altura, dentes, cabelos, etc, devido à imposição de um padrão normativo do corpo exigido e cada vez mais popularizado na mídia e nas redes sociais. O que foge do padrão imposto pela mídia chega a ser menosprezado e muitas vezes ridicularizado nas redes sociais” (2015, p.08).

O sentimento em relação a vítima sofreu alteração após a intervenção, o item “engraçado” diminuiu de 17,3% para 13% e o “sentimento de pena” aumentou de 53% para 69%. Essa alteração pode ter ocorrido devido a casos reais terem sido apresentados nas aulas, seguido de discussões sobre as consequências o que causou certa sensibilização nos/as alunos/as.

Em termos de conhecimento sobre o termo *cyberbullying*, pouco mais da metade dos alunos conhecia o termo e após a intervenção todos afirmaram saber. Esses dados estão de acordo com o estudo de Rodighiero (2012), onde 79% dos alunos afirmaram nunca terem trabalhado esse tema na escola. Na escola desta pesquisa, os alunos que conheciam o termo não o aprenderam na escola, pois esse tema nunca tinha sido abordado por nenhum/a professor/a.

Outra questão que sofreu alteração foi sobre o que poderia ser feito para evitar o *cyberbullying*. No Questionário Pré, 37% afirmou que poderia ser evitado através de sistemas de segurança na internet (como bloquear os agressores), sistemas dos próprios sites (para que quem ofendesse alguém pudesse ser banido da rede social) ou através de denúncias. Como na

intervenções foram apresentados *sites* para denunciar e maneiras de bloquear as pessoas, talvez isso tenha influenciado nas respostas que aumentaram para 45,7% o número de entrevistados que acreditam que essa é a maneira mais eficiente. Neste sentido, Souza *et al.* (2014) constataram, que “fazer frente ao fato”, “contatar as autoridades policiais”, “procurar ajuda de alguém de confiança” e “pedir ajuda aos amigos”, são as estratégias *offline* mais utilizadas pelas vítimas, na perspectiva dos participantes. Já “restringir e encerrar contatos” (*e-mail* e número de telefone celular), “excluir os agressores das redes sociais” e “contatar os gestores do *site* ou rede social” foram indicadas com maior frequência, pelos alunos, como estratégias *online* para o combate e prevenção do *cyberbullying*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se perceber com este trabalho que o *cyberbullying* é um tema que deve ser contemplado na escola, além de a maioria dos/as alunos/as se sensibilizarem sobre as consequências de seus atos na internet, principalmente em redes sociais, compreenderam a real importância que deve ser dada a ofensas e brincadeiras de mau gosto, que muitas vezes não tem mais volta e que é necessário as pessoas aprenderem mais sobre esse assunto, para não serem agressores e nem vítimas passivas.

A escola não deve ser a única responsável pela sensibilização e responsabilidade sobre esses atos, mas deve atuar como protagonista no combate ao *cyberbullying* tanto quanto outros problemas sociais, uma alternativa seria que o tema deveria ser inserido no currículo escolar, principalmente na disciplina informática educativa presente nas escolas. Os/as alunos/as precisam conhecer mais sobre o tema, pois não sabem da sua gravidade e muitas vezes nem sabem que estão fazendo isso. Vários estudos demonstram a falta de conhecimento do tema pelos alunos, sendo que é algo que vem crescendo cada dia mais e pode trazer consequências extremas como depressão, automutilação e até mesmo suicídio.

Com o avanço das tecnologias, a facilidade de acesso à internet, e a inserção nas redes sociais cada vez mais cedo é preciso saber como se comportar na internet, saber que na rede existem regras tanto quanto na vida

real e quem não sabe respeitá-las será punido, para assim poder desfrutar com segurança da imensidão de informações e da facilidade de comunicação com outras pessoas presentes na internet.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AVILÉS, J. M. Cyberbullying: Diferencias entre el alumnado de secundaria. **Boletín de Psicología**, n.96, p.79-96, 2009.

CARPENTER, D.; FERGUNSON, C. **Cuidado! Proteja seus filhos dos bullies**. São Paulo: Butterfly Editora, 2011.

CONTI, C. P.; ROSSINI, A. E. S. Aspectos Jurídicos do Cyberbullying. **Revista FMU direito**, São Paulo, v. 24, n. 34, p.46-65, 2010.

DORNELLES, V. G.; SAYAGO, C. W.; RIBEIRO, F. D. A. Bullying. In: DORNELLES, V. G.; SAYAGO, C. W. et al. **Bullying: Avaliação e Intervenção em Terapia Cognitivo-Comportamental**. Porto Alegre: Sinopsys, p.37-54, 2012.

FARIAS, L. A. **A escola e o cyberbullying**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.

FRANCO, M. A. S. Pedagogia da Pesquisa-Ação **The pedagogy of action research**. , p. 483–502, 2005.

FREIRE, I., VEIGA SIMÃO, A. M., e FERREIRA, A.. O estudo da violência entre pares no 3º ciclo do ensino básico – Um questionário aferido para a população portuguesa. **Revista Portuguesa de Educação**, v.19, n.2, p.157-183, 2006.

GOMES, M. J.; VALENTE, L. e DIAS, P. Seguranet – Um levantamento exploratório das práticas de risco dos jovens portugueses no uso da Internet. In **Actas do IX Congresso da Sociedade Portuguesa de Ciências da educação** – Educação para sucesso: políticas e actores; p. 849-858, 2008.

LIMA, P.M. F. **Crimes de computador e segurança computacional**. 2 ed. São Paulo: Atlas S.A., 2011.

MAIDEL, S. Cyberbullying: um novo risco advindo das tecnologias digitais. **Revista electrónica de investigación y docencia (reid)**, n. 2, 2009.

MASON, K. L. Cyberbullying (intimidação psicológica com a ajuda da tecnologia): Avaliação preliminar no ambiente escolar. **Psychology in the Schools**, v. 45, n.4. Universidade Estadual de Cleveland, 2008.

OLIVEIRA, A. P., COSTA, A. D., & ASSIRATI, E. T. **Violência no Século XXI: Bullying e Cyberbullying.** Disponível em: <http://www.fatectq.edu.br/interfacetecnologica/arquivos/volume8/artigo3.pdf>. Acessado em: 23 de jun de 2015.

PESSOA, T.; AMADO, J. Cyberbullying-Questões e desafios atuais. **EDMETIC**, v. 3, n. 2, p. 29-51, 2014.

PRADOS, M. A. H. **Menores y riesgos en la Red. Un dilema para los padres.** III Congreso on line- Observatorio para la Cibersociedad.2006.

RODEGHIERO, C. C. **Violência na internet: um estudo do cyberbullying no Facebook.** Tese de Doutorado. Dissertação de mestrado não-publicada, Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Católica de Pelotas, 2012.

SOUZA, S. B.; VEIGA SIMÃO, A. M. V.; CAETANO, A. P.. Cyberbullying: Percepções acerca do Fenômeno e das Estratégias de Enfrentamento. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 27, n. 3, p. 582-590, 2014.

TEIXEIRA, G. **Manual antibullying: para alunos, pais e professores.** 1ª edição – Rio de Janeiro: Saraiva, 2013.

TOGNETTA, L.R.; BOZZA, Thais Leite. Cyberbullying: quando a violência é virtual – Um estudo sobre a incidência e sua relação com as representações de si em adolescentes. In: GUIMARAES, Áurea M.; PACHECO E ZAN, Dirce Djanira. **Anais do I Seminário Violar: Problematizando juventudes na contemporaneidade.** Campinas, SP: FE/UNICAMP, 2010.

WANZINACK, C. **Bullying e cyberbullying: faces silenciosas da violência.** In: SIERRA, J. C. e SIGNORELLI, M. C. (Ed.). Diversidade e Educação: intersecções entre corpo, gênero e sexualidade, raça e etnia. Matinhos: UFPR LITORAL, cap. 1.4, p.67-82, 2014.

WANZINACK, C.; REIS, C.. Cyberbullying e violência na rede: relações entre poder e desenvolvimento no litoral do Paraná, **XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Rio de Janeiro**, RJ, 2015.

ANEXO I

Idade: _____ Gênero: ()M ()F

Questionário Pré- Intervenção

1- Onde você tem acesso à internet?

- a- () Casa
- b- () Escola
- c- () Celular- em qualquer lugar
- d- () Outro -

qual? _____

Como é esse acesso?

2- O que você mais acessa na internet?

- a- () Sites de pesquisa
- b- () Jogos
- c- () Redes sociais
- d- () Outros-

quais? _____

3- Algum adulto controla os sites que você visita?

a- Sim

b- Não

Quem? E como?

4- Você sabe o que é *cyberbullying*?

a- Sim

b- Não

5- Se sim, defina o em poucas palavras.

6- Você já foi vítima de *cyberbullying*?

a- Sim

b- Não

Descrever

7- Você já praticou *cyberbullying* com alguém?

a- Sim

b- Não

Descrever

8- Já presenciou algum ato de *cyberbullying*?

a- Sim

b- Não

Descrever

9- Se sim, o que você achou?

a- Engraçado

b- Sentiu pena da vítima

c- Normal

d- outro=

10- O que você acha que poderia ser feito para evitar o *cyberbullying*?

ANEXO II

Idade: _____ Gênero: ()M ()F

Questionário Pós- Intervenção

1- Você sabe o que é *cyberbullying*?

a- () Sim

b- () Não

2- Se sim, defina o em poucas palavras.

3 - Você já foi vítima de *cyberbullying*?

a- () Sim

b- () Não

Descrever

4- Você já praticou *cyberbullying* com alguém?

- a- () Sim
b- () Não
Descrever

5- Já presenciou algum ato de *cyberbullying*?

- a- () Sim
b- () Não
Descrever

6- Se sim, o que você achou?

- a- () Engraçado
b- () Sentiu pena da vítima
c- () Normal
d- () outro= _____

7 - O que você acha que poderia ser feito para evitar o *cyberbullying*?

8 – A presença do tema *cyberbullying* na escola, foi interessante?

- a- () sim
b- () não

Por quê?

9 – Na sua opinião, a abordagem desse conteúdo nas aulas pode ajudar a evitar que ocorram casos de *cyberbullying*?

- a- () sim
b- () não

Por quê?

10 – O quão importante era para você o *cyberbullying* antes das aulas e depois das aulas sobre esse tema?

- ANTES
a- () sem importância

- DEPOIS
a- () sem importância

- b- () pouco importante
- c- () importante
- d- () muito importante

- b- () pouco importante
- c- () importante
- d- () muito importante